

Editorial

13.^a Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM) 2025 – Para Além da Forma: Território e Desafios Societais

David Leite Viana 

Susana Milão 

Telma Ribeiro 

Alberto Lima 

Amaro Mendonça 

Ana Mélice Dias 

Lais Bertolino 

Sílvia Spolaor 

Comissão Organizadora do PNUM 2025



<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i2.491>

Entre 25 e 27 de junho de 2025 realizou-se, na Universidade Portucalense (Porto, Portugal), a 13.^a Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM), dando-se assim sequência ao conjunto de eventos do PNUM que decorre desde 2010, cruzando disciplinas como a Arquitetura, o Planeamento Urbano, a Engenharia, a Geografia, a História. Esta rede integra uma outra, designada de *International Seminar on Urban Form* (ISUF), com a sua atividade iniciada em 1994 e que realiza, desde 1997, seminários anuais itinerantes. Em 2011, foram iniciados seminários do PNUM em Portugal e, a partir de 2015, passaram a acontecer também no Brasil, em anos alternados, promovendo o estudo da forma urbana em âmbito lusófono.

A 13.^a Conferência do PNUM 2025, com o título Para Além da Forma: Território e Desafios Societais, centrou-se na questão da forma urbana perante os desafios que se avolumam nos territórios e que incidem sobre problemáticas não só sociais, mas também ambientais e tecnológicas. Reconhecendo a relevância da atenção para com a morfologia urbana na prossecução do incremento da qualidade geral dos ambientes construídos, considera-se que esta (a morfologia urbana) precisa aumentar a sua correlação com outros âmbitos estruturantes para a urbanização, como, por exemplo, a coesão socioterritorial, o metabolismo urbano e a transição digital. Estes e outros espectros de atuação perfazem um quadro referencial para o planeamento

assente na inclusão, inovação e na inteligência do habitat, no qual a forma urbana constitui o “chão comum” da construção coletiva do território.

A Conferência visou aproximar a morfologia urbana do ordenamento do território, com o propósito de adensar o conhecimento quanto ao modo como endereçar – nas múltiplas formas urbanas (e através destas) – estudos, análises, orientações, princípios, estratégias, abordagens, metodologias e soluções para os diversos desafios societais que se colocam aos contextos humanizados, desde os climáticos até à Inteligência Artificial (IA). O objetivo foi expandir e robustecer o vínculo inter e transdisciplinar da articulação e correlação do saber próprio da morfologia urbana com outras áreas do conhecimento que recaem sobre como os indivíduos e as comunidades se organizam e experienciam o viver partilhado – com os correspondentes espaços, lugares e paisagens.

Para estruturar as problemáticas abordadas na Conferência, definiram-se as seguintes linhas temáticas (LT):

- LT.1. Os desafios da coesão territorial: gentrificação, inclusão e políticas urbanas.
- LT.2. Os desafios das alterações climáticas: mitigação, adaptação e resiliência urbana.
- LT.3. Os desafios da transição digital: dados, tecnologia e cidades inteligentes.

- LT.4. Os desafios da densificação urbana: patrimônio, reabilitação e habitação.
- LT.5. Os desafios metodológicos: aproximação entre a teoria e a prática, técnicas qualitativas e os métodos formais.
- LT.6. Os desafios da formação/ensino: conteúdos, pedagogia e inter/transdisciplinariedade.
- LT.7. Os novos desafios da morfologia urbana: o vernáculo, o habitat e a cidade de proximidade.

As sete linhas temáticas que orientaram a chamada para artigos traduzem o quadro de vetores que se consubstanciam, de modo convergente, no endereçamento de soluções urbano-sociais e ambientais em resposta à complexidade dos territórios contemporâneos lusófonos, não esquecendo a sua diversidade e níveis de interdependência em conformidade com a multiplicidade de contextos que as geografias dos países lusófonos africanos, do Brasil e de Portugal apresentam. Constituem âmbitos poliédricos cuja morfologia urbana revela especificidades que exigem saber ver os correspondentes elementos urbanos com a adequada focagem, para não prevalecerem generalizações e/ou abstrações desfasadas das realidades em estudo. Neste sentido, urge consolidar a coesão territorial em articulação com a resiliência urbana, desenhando políticas urbanas inclusivas e inteligentes, assentes nas pessoas e nos dados, para que as formas urbanas intervencionadas e/ou preconizadas sejam o reflexo de uma visão societal sobre o habitat integrado e sistémico. A dimensão patrimonial e comunitária das formas urbanas precisa não só ser densificada, mas também preservada, explorando novas metodologias e revisitando-se as existentes no sentido de as tornar mais holísticas e complementares, tendo por base uma cada vez mais necessária aproximação entre a teoria e a prática no seio da morfologia urbana.

Num período em que se assiste à dificuldade em assegurar que as cidades não se tornem disfuncionais (por não garantirem o acesso generalizado à habitação condigna, por exemplo), as linhas temáticas que guiaram os trabalhos de 13.^a Conferência do PNUM 2025 confluíram na construção de um corpo coerente e interrelacionado de questões que convidou à submissão de artigos capazes de trazerem para o evento o que de mais atual tem

sido produzido em termos de conhecimento e prática nos respetivos temas. Assim, os nove melhores artigos da Conferência selecionados para a Revista de Morfologia Urbana 13.2, foram:

- Configurações da paisagem contemporânea de Maria Ortiz, em Colatina, Espírito Santo, Brasil: linhas de desenho, evolução e transformação; de Eneida Mendonça, Jorge Correia e Leandro Grandi.
- O bairro Patrimônio - Uberlândia (MG): transformações morfológicas e económicas e o impacto da gentrificação; de Maria França, Júlio Andreo e Maria Guerra.
- O papel da bicicleta na reconfiguração da cidade: disputas pelo espaço urbano em Campos dos Goytacazes (RJ); de Laura Sousa, Mayara Souza e Danielly Aliprandi.
- Crise climática e inteligência artificial (IA): desafios e soluções para um futuro sustentável; de Katherine Athié, Bruno Rocha e Daniella Bonatto.
- Os Caminhos da água no desenho da cidade: desafios e estratégias para o território em condição de crise climática; de Fátima Lourenço.
- Direito informacional à cidade; de Marina Borges.
- Industrialização, desindustrialização e terciarização: uma análise evolutiva do policentrismo do eixo urbano Boavista-Aeroporto no contexto regional do Porto; de José Tenreiro.
- Trajetórias no morfoespaço: O que distingue cidades de outras configurações?; de Vinicius Netto, Caio Cacholas, Fabiano Ribeiro, Dries Daemds, Daniel Lenze e Howard Davis.
- Morfologia urbana como instrumento de avaliação das políticas públicas em Belo Horizonte; de Staël Costa, Maria Teixeira, Maria Netto, Ana Moura, Lara Pessi, Rafaela Fonseca, Talita Souza e Victor Veríssimo.

Os artigos supra listados foram indicados para publicação pelos moderadores das respetivas sessões e verificados para a RMU 13.2 pela Comissão Organizadora da Conferência,

enquanto equipa editorial da secção especial da RMU sobre a 13.^a Conferência do PNUM.

O artigo “Configurações da paisagem contemporânea de Maria Ortiz, em Colatina, Espírito Santo, Brasil: linhas de desenho, evolução e transformação”, trata de debater a configuração da paisagem alterada por interesses económicos, provocando mudanças comportamentais, destacando o núcleo de implantação urbana e as principais linhas de desenho, evolução e transformação. A forma urbana é percebida por oito linhas paralelas: o rio, a margem, uma faixa de vegetação, o construído, a rua, o muro, os trilhos e os blocos de granito. Avança que a morfologia urbana, estudada na longa duração, pode contribuir para a conciliação de interesses económicos externos aos sociais da população, que resiste e reivindica direitos ao sítio e à paisagem ribeirinha.

O artigo “O bairro Patrimônio - Uberlândia (MG): transformações morfológicas e económicas e o impacto da gentrificação”, analisa as transformações morfológicas e urbanas ocorridas entre os anos de 2011 e 2025 na região do “Velho Patrimônio”, em Uberlândia/MG, composto pelos loteamentos Patrimônio de Nossa Senhora da Abadia e Altamira II. Identifica as alterações na Lei de Uso e Ocupação do Solo que flexibilizaram parâmetros urbanísticos, promovendo mudanças expressivas na forma urbana da área. Revela indícios de substituição tipológica e funcional associados à valorização fundiária e conclui que a legislação vigente, ao favorecer a reestruturação seletiva de determinadas áreas, contribui para a fragmentação do tecido urbano e para a reprodução de desigualdades espaciais.

Já quanto ao artigo “O papel da bicicleta na reconfiguração da cidade: disputas pelo espaço urbano em Campos dos Goytacazes (RJ)” tem como objeto de estudo o distrito sede do município de Campos dos Goytacazes, na região norte do Rio de Janeiro e analisa a relação entre as recentes expansões da malha cicloviária, a população atendida e os conflitos emergentes a partir dessas mudanças morfológicas. Metodologicamente, assenta em três etapas: o levantamento de estruturas cicloviárias após a implementação do Plano de Mobilidade Urbana Sustentável;

a análise dos locais de implantação; a avaliação da relação entre a população e as transformações na morfologia viária. Os resultados evidenciam um conflito pela apropriação diferenciada do espaço urbano; nessa perspetiva, indicam que o planeamento urbano pode atuar tanto como ferramenta de resistência quanto como instrumento de reprodução das desigualdades existentes.

Estes três artigos fazem parte do maior número de submissões dirigidas à primeira linha temática, confirmando a atenção que a coesão territorial e a inclusão socio-urbana continua a merecer por parte da morfologia urbana, com estudos sobre qual o impacto de políticas urbanas na forma urbana.

Seguem-se dois outros artigos, sobre a segunda linha temática, designadamente, (1) “Crise climática e inteligência artificial (IA): desafios e soluções para um futuro sustentável” e (2) “Os Caminhos da água no desenho da cidade: desafios e estratégias para o território em condição de crise climática”.

O primeiro (1) tem como pano de fundo a crise climática global e os inúmeros desafios para o planeamento urbano. Neste âmbito, refere que o uso de informações geoespaciais é uma estratégia importante para o mapeamento e interpretação do território que vem sendo impulsionado com o uso da IA. Demonstra como a IA vem sendo implementada para aperfeiçoar a geração e interpretação de imagens geradas por Sensoriamento Remoto (SR), enfatizando aspetos de sustentabilidade. Conclui com contributos no diagnóstico de grandes volumes de imagens e desafios na automatização de respostas acríicas sem a devida interpretação.

O segundo (2) alude aos caminhos da água, que outrora desenharam a ocupação dos territórios são elementos da estrutura urbana, fundamentais à abordagem dos desafios climáticos na relação cidade/água. Menciona que encontrar mecanismos para gerir esta relação é um desafio que a cidade, no seu desenho, tem de assumir. Reflete a propósito da “cultura do solo”, com o reconhecimento e identificação de elementos dos sistemas naturais e da estrutura urbana na procura de estratégias para a adaptação às alterações climáticas. Conclui com linhas estratégicas de atuação ao nível do desenho urbano assentes na “cultura do solo” e orientadas para a

mitigação dos efeitos das alterações climáticas nas formas urbanas.

A segunda linha temática foi igualmente das que mais submissões recebeu, atestando a cada vez maior preocupação que o impacto das alterações climáticas tem no escopo dos estudos sobre as formas urbanas.

Sobre a terceira linha temática foi selecionado o artigo “Direito informacional à cidade”, que propõe uma análise crítica do conceito de direito informacional à cidade, a partir do estudo de caso da plataforma *BHMaps*, desenvolvida pela Prefeitura de Belo Horizonte. Investiga como os sistemas de informação geoespacial podem contribuir, ou limitar, a democratização do acesso à cidade em contextos marcados por desigualdades socioespaciais e digitais. Conclui que, embora o *BHMaps* amplie a transparência e o acesso a dados territoriais, a sua apropriação cidadã é restrita por barreiras técnicas, simbólicas e políticas. Reitera que o direito informacional à cidade não se resume ao acesso a dados, mas envolve a possibilidade de participação ativa na construção e reapropriação do espaço informacional urbano. Defende a necessidade de políticas públicas que integrem inclusão digital, literacia cartográfica e governança participativa para transformar plataformas como o *BHMaps* em verdadeiros comuns urbanos digitais.

Seguidamente, o artigo “Industrialização, desindustrialização e terciarização: uma análise evolutiva do policentrismo do eixo urbano Boavista-Aeroporto no contexto regional do Porto”, da quarta linha temática, aborda as transformações funcionais e urbanísticas ocorridas ao longo do eixo Boavista-Aeroporto, na cidade do Porto, durante o período de 1950 a 2025 (caracterizado por um processo de industrialização e de desindustrialização e de terciarização). Demonstra como as infraestruturas criadas para a indústria pesada possibilitaram a evolução funcional do território, culminando na predominância de atividades terciárias e na reconfiguração urbana. Conclui que a sistematização das alterações urbanas permite correlacionar estas mudanças relativamente às dinâmicas de mobilidade e transportes, à expansão metropolitana e ao planeamento urbano. Reforça que a infraestrutura herdada da

industrialização se estabelece como base fundamental para o crescimento do espaço dedicado ao setor terciário.

Já o artigo provindo da quinta linha temática “Trajetórias no morfoespaço: O que distingue cidades de outras configurações?”, questiona o quarteirão urbano (conjuntos de edificações próximas ou adjacentes articuladas por um sistema de espaços abertos de circulação) referindo que o seu processo de formação permanece pouco compreendido. Defende que, para investigar a sua morfogênese, é preciso ligar evidências arqueológicas de microescala (agregação edifício a edifício) à emergência de macroestruturas urbanas, superando a tensão entre a aparente aleatoriedade do crescimento e a coerência de estruturas urbanas resultantes. Propõe integrar análise arqueológica e modelação computacional para simular caminhos de transição de configurações dispersas para sistemas de quarteirões urbanos. Compara as “assinaturas” espaciais de formas simuladas e cidades reais e conclui com novas pistas sobre a evolução de tecidos urbanos em diferentes contextos.

O artigo “Morfologia urbana como instrumento de avaliação das políticas públicas em Belo Horizonte”, revela os resultados obtidos na disciplina de Morfologia Urbana da pós-graduação em Ambiente Construído e Património Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-ACPS-EAUFMG). Refere que esta disciplina é dividida em etapas: inicialmente, consiste na apresentação de textos discutidos em seminários sobre os conceitos metodológicos das principais escolas de morfologia, seguidos de exemplos em realidades brasileiras. Na segunda parte, há aplicações em um trabalho prático cujo objetivo é discutir temas relevantes que estão ocorrendo na cidade, com o objetivo de reconhecer tendências no futuro local. Conclui que a avaliação dos resultados demonstra que o método foi assimilado, que os alunos adquiriram conhecimentos, habilidades de interpretação das situações e atitudes críticas diante dos problemas existentes, alcançando o objetivo.

Os nove artigos selecionados sublinham o propósito maior da 13.^a Conferência PNUM 2025, no sentido de conduzir a morfologia

urbana para além da forma, verificando os territórios e os seus desafios societais. Reforçou-se a Rede Lusófona de Morfologia Urbana no centro do conhecimento inovador sobre morfologia urbana, agregando investigadores do espaço lusófono, promovendo a troca de experiências, a atualização de métodos e abordagens, o fortalecimento da rede, a criação de nexos e proximidade entre áreas de investigação e, principalmente, a disseminação do conhecimento sobre forma urbana na órbita da lusofonia.

A 13.^a Conferência PNUM 2025 constituiu um fórum de discussão alargado e plural, onde se consolidou o papel que esta rede tem na construção de conhecimento sobre a forma urbana face aos desafios com os quais se depara e aos quais precisa responder. A Conferência consubstanciou-se, deste modo, enquanto contexto de progresso do saber sobre morfologia urbana.

Agradecimentos morfológicos ao PNUM pela oportunidade, à Universidade Portucalense pelo acolhimento e apoio à organização, aos *keynote speakers* pela partilha da respetiva experiência, aos convidados das duas sessões especiais sobre o ISUF-H e sobre o estreitar – na morfologia urbana – da relação entre o ensino, a investigação e a prática, aos membros das diversas comissões (Organizadora, Executiva e Científica) e, principalmente, às autoras e autores que contribuíram com as suas pesquisas para a qualidade científica das comunicações apresentadas na Conferência. O respetivo contributo elevou o nível de discussão entre os participantes quanto às temáticas abordadas ao longo dos três dias do evento, tornando-o mais rico e plural.

Encontramo-nos na 14.^a Conferência PNUM 2026!